

CRÍTICA / LIVRO / AS PRIMAS

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

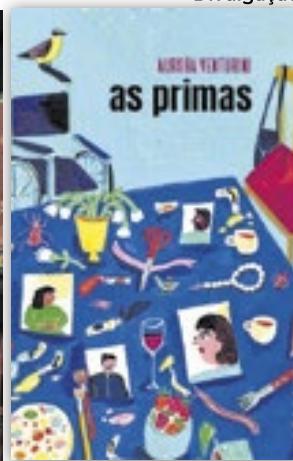
Sob pseudônimo, em 2007, a argentina Aurora Venturini (1921-2015) inscreveu o romance “As primas” (Fósforo, R\$ 55,40) em um concurso literário para novos autores do jornal Página/12. Tinha 85 anos, uma carreira consolidada como escritora e tradutora, havia vivido na França e feito amizade com o grupo de intelectuais mais celebrados da época – Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Eugene Ionesco e Albert Camus, entre outros. Circunscrita, até então, ao meio editorial, ganhou o concurso, surpreendendo pela atualidade e vitalidade do tema. Ambientou “As primas” em época bem anterior às comodidades tecnológicas contemporâneas. E montou uma trama incômoda e instigante, narrada pela menina Yuna, cuja falta de habilidades cognitivas é compensada pelo talento na pintura.

Criada pela mãe, “uma professorinha miúruca”, ao lado da irmã que sofre de graves deficiências mentais e motoras, a menina cresce como prodígio artístico, incentivada por um professor que se infiltra na família e pela pragmática prima Petra, cujo nanismo não impede suas atividades profissionais como prostituta. Homens têm participação episódica – mas intensa – no meio da família.

A estranheza em sucesso tardio



Divulgação



Sob pseudônimo, a veterana Aurora Venturini conquistou um prêmio literário para novos autores com ‘As Primas’

O pai de Yuna se foi quando as filhas eram pequenas. Um vizinho engravidou uma prima adolescente, que morre em consequência do aborto. Um tio é mencionado mais como provedor e ausente das decisões daquelas mu-

lheres que encontram formas de se impor ao mundo exterior, apesar de fugirem a padrões físicos e mentais dos vizinhos.

O talento de Yuna permite que tome a frente do sustento da casa, e, ao lado de Pe-

tra, define os rumos da família inteira. A ascensão social e material através da arte foram sua maturidade – auxiliada pela sempre surpreendente Petra. Quando a pobreza e as debilidades deixam de definir-las, também se reduzem as descrições escatológicas do cotidiano que inclui cuidados com a irmã-bebê. A ingenuidade de Yuna lembra a da personagem Bella Baxter, do livro “Pobres criaturas”, cuja adaptação cinematográfica deu o Oscar à atriz Emma Stone. Bella, uma mulher que recebe um transplante de cérebro de um bebê, raciocina como uma criança pequena, reagindo intensamente às descobertas do cotidiano – exatamente como Yuna.

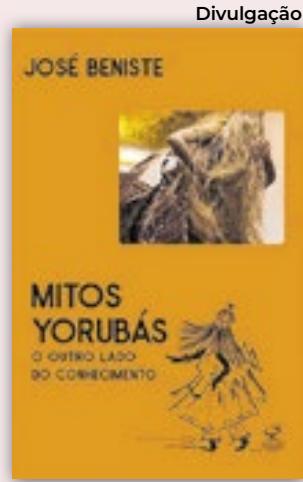
Se Aurora Venturini demorou a ser reconhecida na Argentina, no Brasil só veio a ser publicada em 2022. No ano passado foi lançado aqui “Nós, os Caserta” (Fósforo, R\$ 58), que traz mais um grupo de pessoas esquisitas. É narrado por Chela, uma superdotada com personalidade perversa, cuja aparência da menina, morena, de cabelos escuros, não corresponde ao ideal da família esnobe e racista, descendente de italianos, espanhóis, nativos e afro-argentinos. Se “As primas” trata da visão social dispensada aos pobres e enjeitados, “Nós, os Caserta” desnuda a elite argentina que se via como branca e europeia. Uma história que continua atual, embora lançada nos anos 1960.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

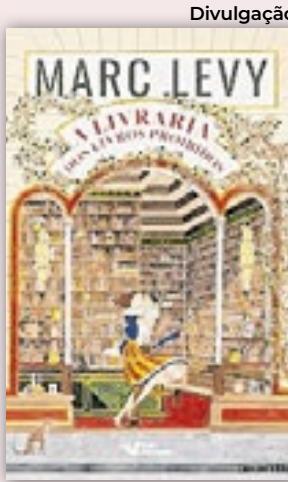
MITOS YOROBÁS - O OUTRO LADO DO CONHECIMENTO

A obra do historiador e especialista em religiões de matriz africana José Beniste ganha nova edição e preenche uma lacuna sobre as divindades mitológicas que norteiam boa parte da população no país. Para continuar professando suas crenças, os escravizados africanos passaram a usar os nomes dos santos católicos no lugar das entidades que cultuavam, popularizando os ritos. No entanto, as noções sobre origem do mundo, a criação do homem e a relação com o sagrado ficaram quase restritas a seus fiéis. (Civilização Brasileira, R\$ 79,90)



A LIVRARIA DOS LIVROS PROIBIDOS

Bibliotecas públicas e de escolas de alguns estados norte-americanos podem, desde 2022, excluir livros de seus acervos por temáticas consideradas inadequadas para jovens. Segundo o francês Marc Levy, 30% dos títulos censurados abordam o racismo ou são protagonizados por negros tais como os clássicos “O Sol É Para Todos”, “1984” e “Admirável Mundo Novo”. Essa censura inspirou o autor a criar esse romance no qual um livreiro acaba na cadeia por reservar uma sala para leitores interessados na leitura desses títulos. (Faro Editorial, R\$ 64,90)



DE ONDE ELES VÊM

Jefferson Tenório aborda o racismo brasileiro neste romance que acompanha a trajetória de um dos primeiros cotistas em universidade pública. Joaquim, que mora com a avó inválida, precisa enfrentar toda sorte de dificuldades financeiras e sociais para não desistir da graduação no curso de Letras. Visto com complacência por professores e colegas, se agarra à oportunidade de estudar para realizar o sonho de ser escritor, enquanto supera as críticas silenciosas às políticas que tentam amenizar as desigualdades sociais. (Cia das Letras, R\$ 67,90)

